

SERMAM  
DE S. IOAM  
BAPTISTA.  
NA PROFISSAM  
Da Senhora

*MADRE SOROR MARIA DA CRUZ,*

Filha do Excellentissimo

DVQUE DE MEDINA SYDONIA,

SOBRINHA DA RAINHA N.S.

*Religiosa de Sam Francisco.*

No Mosteiro de Nossa Senhora da  
Quietação, das Framengas.

*Em Alcantara.*

Esteu o SANCTISSIMO SACRAMENTO exposto.

*Assistiraõ suas Magestades, & ALTEZAS.*

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA  
da Companhia de IESV. Prégador de S. Magestade.

EM LISBOA. COM TODAS AS LICENÇAS.

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.



Elisabeth impletum est tempus pariedi, & peperit filiũ;  
 & audierunt vicini, & cognati eius quia magnifi-  
 cavit Dominus misericordiam suam cum illa, &  
 congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere  
 puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zacha-  
 riam. Et respondens mater eius dixit: Nequaquam  
 sed vocabitur Ioannes. Luc. cap. i.

## S E N H O R.



O dia em que nace a Voz de Deos, ju-  
 stamente emudecem as vozes dos ho-  
 mões. Admiraçoẽs emudecidas saõ a re-  
 torica deste dia: *mutati sunt vniversi*; pas-  
 mos, & assombros saõ as eloquẽcias de-  
 sta acçaõ: *Factus est timor super omnes vicini-  
 nos eorum*. He dia hoje de fallarem os co-  
 raçoẽs, & de callarẽ as lingoas: por isso a

lingoa de Zacharias emudeceu, por isso os coraçoens dos  
 Montanhezes fallauão: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se  
 em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar,  
 & os discursos mais discretos saõ os que se remetem ao  
 silencio; que serã hoje no concurso de tantas obrigaçoens,  
 em que as cousas do temor, & os motiuos da admiraçaõ se  
 vem taõ crecidos? Se toda a razã dos assombros no naci-  
 mento do Baptista era verem que daua Deos a hũa alma a  
 mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo*; Quanto  
 mais deue assombrar hoje nossa admiraçaõ ver q dá Deos  
 a outra alma a mão de Esposo: *Etenim manus Domini erat cũ  
 illa*? Bem sei que disse Origenes, que dar Deos a mão ao origin.  
 Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de  
 desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lu-  
 gar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria; mas

desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço!  
Maravilha grande! He caso este em que acho contra mim  
todas as escrituras.

Se lermos o Profeta, Oseas acharemos, que querendo  
Deos desposarse com hũa alma, disse, que a levaria primei-  
ro a hum deserto: *Ducã eam in solis uadinem, & loquar ad cor eius.*  
Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando  
Deos a Hierusalem o tẽpo, que com ella se desposara, ad-  
uertio que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuae*  
*quando sequuta es me in deserto.* Se lermos os Cantares de Sa-  
lãmão acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre  
todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro de-  
serto se conseguiraõ. *Qua est ista qua ascendit per desertum:*  
diz no cap. 3. *Qua est ista qua ascendit de deserto in nix super*  
*dilectum suum:* diz no cap. 8. Mas para que he multiplicar  
escrituras, se o mesmo Esposo que está presente nos pode  
escusar a proua? O mysterio em que Deos mais propriamẽ-  
te se desposa com as almas he o Sacramento soberano da  
Eucharistia. Porque nelle (como granemẽte notou S. Ago-  
stinho) por meo da vniãõ do corpo de Christo se verifica  
entre Deos, & o homẽ: *Erunt duo in carne vna.* E se buscar-  
mos os lugares em que Deos figuratiuamente celebrou  
estes desposorios, acharemos, q os principaes, assi no velho  
como no nouo testamento, foraõ desertos. A principal fi-  
gura do Sacramento no testamento velho foi o Manã, du-  
rou quarẽta años, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri mã*  
*ducauerunt Manã in deserto.* A principal figura do Sacramẽ-  
to no testamẽto nouo, foi o Milagre dos cinco paẽs, & o Mi-  
lagre dos sete, & ambos socederaõ no deserto. *Desertus locus*  
*est, & nõ habet quod mãducẽt. Vnde eos qui: potest hic saturare pa-*  
*nibus in solitudine?* Pois qual he a razãõ (para q mais fũdada-  
mente nos admiremos) qual he a razãõ porque se desposa  
Deos nos desertos sẽpre? Naõ he o Monarcha vniuersal do  
mũdo, naõ he o Principẽ eterno da gloria? Pois já q hade  
desposarse desigualmente na terra, porque naõ busca es-  
posa com menos desigualdade nas Cortes, & nos Paços  
dos

dos Reys, senam nos défertos, & nas soledades?

A razão he, porq̃ esposa com as qualidades de q̃ Deos se agrada, não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramêto nos fundou a diuidã; S. Ioão nos fundará a reposta. Fez Christo hũ Panegirico do Baptista (q̃ de tão grãde fogeito sò Deos pode ser bastite orador) as palauras forão poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assi. *Quid existis in deserto videre? Hominẽ molliorẽ vestitũ? Ecce qui mollioribus vestiuntur in domibus regũ sũt.* Sabeis quẽ he Ioão, esse aquẽ todos sahis a ver (diz Christo.) He hũ homẽ q̃ viue no deserto: não he dos homẽs q̃ viue no Paço. Notauel dizer! Pois Senhor, este he o thema q̃ vòs tomais para prégar do Baptista? Quando quereis cõcluir q̃ he o maior dos nacidos, fũdais o Sermão em que viue no deserto, & não viue no Paço? Si. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os Theologos: *In prosequutione, & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ò vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos, & diuinos, hũs saõ positiuos, outros negativos; os positiuos q̃ nos mãdão seguir o bẽ, os negativos q̃ nos mãdão fugir ò mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamẽtos toda a perfeição do Baptista; q̃ fez? Disse q̃ era hũ homẽ, q̃ seguia todo o bẽ, & q̃ fugia de todo o mal. E para dizer q̃ seguia todo o bẽ, disse, q̃ viuia no deserto, para dizer q̃ fugia de todo o mal, disse, q̃ não viuia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quẽ era disse onde moraua. Ainda não digo bẽ. Para dizer quẽ era disse onde moraua, & onde não moraua. Para dizer q̃ era homẽ do Ceo, disse q̃ moraua no deserto: para dizer q̃ não era homẽ da terra, disse q̃ não moraua no Paço. E q̃ estãdo os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que sò se desposaua nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio! Marauilha grande.

Mas qual serà a razão desta marauilha? Qual serà a razão, porq̃ Deos, q̃ sò se desposaua nos desertos, hoje se desposa no Paço? A razão he; porq̃ o Paço das Rainhas de Portugal he Paço cõ propriedades de deserto, Deos cõmumẽte

Iob 3.

desposase no deserto, porq̃ não acha no deserto as condições do Paço: hoje desposate no Paço, porq̃ achou no Paço as condições do deserto. Quando a Iob no meo de seus trabalhos lhe parecia melhor a morte q̃ a vida, entre as queixas que fazia della disse desta maneira. *Et nunc requiescerẽ cum Regibus, & Consulibus, qui adificant sibi solitudines*: Se eu fora morto estiuera agora descãado entre os outros Reys & Principes, que edificão desertos. Notauel modo de fallar! *Cum Regibus, qui adificant solitudines*: Reys que edificão desertos! Se dissera Reys que edificam palacios; bẽ estava, mas Reys que edificam desertos! Os desertos edificamse? Antes desfazendo edificios, he que se fazem desertos. Pois que Reys sã estes, que trocão os termos a Architeçtura, que Reys sã estes q̃ edificão desertos? Sã aquelles Reys

Greg. Pap.

(diz S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal maneira se contemporiza com a vaidade da terra que se trata principalmẽte da verdade do Cec; & Paços onde se serue a Deos como nos hermos, naõ sã Paços, sã desertos: *Qui adificant sibi solitudines*. Bemdito, que edificão; porque ha duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificaçãõ. O edificio faz dos desertos palacios, a edificaçãõ faz dos palacios desertos. Hũ Paço onde se serue a Deos he hum deserto edificado. Paço onde sò Deos se serue, & o mundo sò se contemporiza: onde a clausura compete com a das Religioes: onde as galas sã dissimulaçam do cilicio: onde a licença do galãteo, a liberdade dos saraos, & outras mal entendidas grandezas sã exercicios de espiritu: onde sair do Paço para o nouiciado mais he mudar de casa que de vida; Este hermo cortezãõ não lhe chamem Paço, chamemlhe deserto: *Qui adificant sibi solitudines*. Lã

Socrat.

disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fora tão religioso Principe, & tão reformador da Casa Real, que conuertera o Paço em Mosteiro. *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso Principe; que Deos guarde, & a tenho ainda por maior, que a do outro Theodosio. O

outro

outro Theodosio fella, o nosso achoua: o outro criou esta reformação, o nosso criase nella. O que grandes fundamētos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogatiuas de deserto, que muito, q̄ Deos costumado a se desposar nos desertos o vejamos hoje desposado no Paço? Ceffem pois as admirações com as dos Montanheses, rompase o silencio com o de Zacharias, & comecemos a fallar nesta acção pois nos dá licença o psalmo: *Et apertum est illic os eius.*

Verdadeiramente que me vi embaraçado no concurso das obrigações de hoje, porque são todas tão grandes, que cada hũa pedia o Sermam todo. Para nam errar aconselheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & seguirei sua doutrina. *Qui habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudet.* Ioann. 3. Eu sou amigo de Christo. (Diz S. Ioaõ) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assi seja. A festa será de S. Ioaõ, o dia será da Esposa, & o Euangelho se accommodará tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos com elle, sem nos apartar hum ponto.

*Elisabeth impletum est tempus pariendi; & peperit filium.* Isabel depois de cõprido o tempo dos noue mezes foi mãy de hũ filho. Aquella palaura *impletũ est tempus*, depois de cõprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Não estaua claro que S. Ioaõ auia de nacer como os outros homẽs, passado o tempo que a natureza limitou para o nacimiento? Pois porque diz hũa cousa superflua o Euangelista, q̄ naceo S. Ioaõ depois de comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus?* Toled. O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, que não foy superflua esta aduertencia senam muito necessaria; suposto que em S. Ioaõ se anteciparam tanto as leys da natureza, que aos seis mezes de cõcebido já tinha vzo de razão. E quem anticipou o vzo de razão tantos annos, podia se cuidar que tambem anticiparia o nacimiento algũs mezes. Pois para q̄ se soubesse q̄ não foy assi, diga o Euangelista, que naceo S. Ioaõ depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quãto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga que S. Ioaõ naceo comprido o tempo, porque não anticipou o nascimento; bem dito está: mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, affi como anticipou o tempo do vzo da razão? O vzo de razão, segundo as leys da natureza, auia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos noue mezes da conceição. Pois se anticipou o vzo da razão tantos annos, porq̃ nam antecipou o nascimento algũs mezes? Porque o nascimento pertence á vida da natureza, o vzo da razão pertẽce á vida da graça; & nas matérias temporaes o que custuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituaes o que custuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nacer ao mundo, faça o tempo o que hade fazer o tempo: para nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, faça o a razão. Caminhaua Christo de Bethania para Hierusalem, vio no campo hũa figueira muito copada, chegou, & como nam achasse mais que folhas, amaldiçoou a. E nota o Euangelista S. Marcos (couza muito digna de se notar) que não era tempo daquella aruore ter fruto: *Non erat tempus sicorum*. Pois valhamse Deos: pasinão aqui todos os Doutores. Senam era tẽpo de fruto, para q̃ o foi Christo buscar? E se o nam achou, quando o não auia, porque castigou a aruore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fruto. E senão era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz: S. Chrysostomo) porque ainda que por ser Primavera não deuia frutos ao tempo, por Deos se querer feruir della deuiaos á razão. E as diuidas da razão nam ham de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao mundo faça o tempo o que hade fazer o tempo: *Eli. sabeth impletum est tempus*; mas para dar frutos a Deos, o que hade fazer o tempo, façao a razam: *Exultauit infans in utero*. Esta he hũa das excellencias, que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em que fez a razão, o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos  
pela

Marc. 23.

Chrysost.



pela razão isso acontece a todos, mas adiantarse a razão aos annos, fazera razam o que auia de fazer o tempo; isto só se acha no Baptista: se bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equiuocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos que auia de amadurecer o tempo, sazoados na razão! Quem podia fazer ontano dos frutos, a primavera das flores, serama esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra* Cant. 2. *tempus putationis aduenit?* Assi obedecem os tempos, onde assi domina a razão. Que já o mundo, & a vida não saibam enganar? Que vejamos tantos defenganos da vida em tantos poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a razão o que auia de fazer o tempo. Seguiremse aos annos os defenganos he fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparemse os defenganos aos annos, he fazer a razão o que o tempo auia de fazer. Queixauase Marco Tulio, que sendo os homêes racionaes, pudesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vemos o discurso da razão mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem nouenta annos para dar fizo a He- 1. Reg. 3. lí, & que bastem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? O que grande victoria da razão, contra a sem razão do tempo! Hũa velhice enganada, he a mayor sem razão do tempo: Hũa mocidade defenganada he a mayor victoria da razão. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear defenganos; & que os cabellos de Absalaõ 2. Reg. 14. na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue Luc. 7. a Magdalena as lagrimas dos pés de Christo com os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que ponha aos pés de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Iacob na primavera dos annos Gen. 48. enterre a sua Rachel; he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grande valor da razão. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarla quan-

do elle a dá, he sacrificar a vontade . Quem dedica a Deos os vltimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe confagra os primeiros, faz Religioso o amor da vida.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em q̄ resistem mais os poucos que os muitos. Deixaremse vencer da razão os muitos annos, não he muito: mas deixarêse vencer, & conuencer os poucos, grande poder da razam! E mais se considerarmos a resistencia fanorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas (como eram os do Baptista) não he tanto, que senão defendaõ á força da razão: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & desengañados! Graõ victoria. Offereceo el Rey David a Bercellai hũ grande lugar no Paço, & elle que era já de oitenta annos, que responderia? *Octo genarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine*: Respondeo que affaz tinha aprêdido em tâtos annos a desengañarse das Cortes, q̄ o deixasse o Rey viuer retirado consigo, & tratar da sepultura; porê que aceitaua o lugar para hum seu filho que tinha de pouca idade: *Est seruum tuus Chamaam, ipse vadat tecum*. Parece que se implica nesta aççam o amor de Pay, mas explicase bem o engano do mundo. Desengañaraõ a Bercellai os muitos annos proprios para não querer o Paço para si, & enganarãoo os poucos annos alheos para querer o Paço para o filho. Não sey que tem o Paço, & ospoucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atreuem ao deixar os poucos. Teue conhecimento para o deixar hum velho, não teue animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreueo a dar o conselho. Antes parece que se sustituiu a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E q̄ não auendo valor na velhice para deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo deixa: que baja resoluçãõ na mocidade para meter o mundo debaxo dos pês, quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se desafrota hoje a

natureza humana. Là dezia S. Paulo: *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo*: O mundo está crucificado em mi, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo; se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que de eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas; não he muito. Mas quando o mundo me mostra bom rosto, dá eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vòs, vòs choreis por elle; ó fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vòs, vòs vos riis delle; ó valentia!

He tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão não fiou S. Paulo o credito della, senam dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyses, & diz assi: *Ad Hab. ix*  
*Moyfes grandis factus negavit se esse filium filia Pharaonis magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Moyses depois que foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Farad, deixou a Princesa; deixou quanto alli possuia, & esperava; escolhêdo viver pobre, & sem liberdade, com o pouo de Deos no captiueiro do Egypto. O em que reparo aqui he, no *grandis factus*: que fez isto Moyses depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resolução & não dos annos de Moyses. Pois se a resolução estava no animo, & não nos annos, porque diz que era de mayor idade de Moyses, quando deixou o Paço, & se catiuou por Deos? Direi. Moyses criara-se no Paço del Rey Farad desde menino, era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, que o adoptara por filho, & como tal era seruido, & venerado com authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyses a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de hũa coroa, pareceolhe a S. Paulo q̃ não era façanha creiuel em poucos años; por isso ajutou a resolução com a idade, para que a idade desse credito a resolução. *Moyfes grandis factus*. Como se differa. Ninguem diuide esta galharda acção de Moyses, porque quando a fez era já de mayor idade, bem cabia nos seus annos. Ora

seja embora a resolução de Moyses victoria do tempo, q̄ a grande acção q̄ nòs celebramos hoje, cõ ser taõ parecida em tudo o mais, não se pode gloriar della o tempo, senam a razão. Obrou aqui, a força da razam, o que lá fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

*Et audierunt vicini, & cognati eius quia magnificauit Deus misericordiam suam cum illa.* Tanto que naceo S. Ioaõ (diz o Euangelista) soou se logo pelo lugar, q̄ engrandecera Deos sua misericordia com Santa Izabel: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam.* Notauel dizer! Parece que não estã hũa a consequencia do texto. O que soou pelo lugar, avia de ser o q̄ succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiças, & maliciosas, & não nas mōtanhas simples. O noũo Euangelho o diz: *Diulgabantur omnia verba hec: q̄ o q̄ se diulgaua era o mesmo q̄ succedia.* Pois se o q̄ succedeo foi nacer o Baptista: *Elisabeth peperit filiũ;* como diz o Euãgelista, q̄ o q̄ soou foy q̄ engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierũt, quia magnificauit Deus misericordiã suã?* Grande louuor do Baptista! Quando as vozes diziaõ enã casa de Zacharias, que nacera Ioaõ, repetiã os eccos suas mōtanhas, q̄ Deos engrãdecera sua misericordia; por que quando Ioaõ sae ao mundo, augmentaõ se os attributos a Deos: quando Ioaõ nace, Deos crece. Não he arrojamento, senão verdade muito chãa. Disse o mesmo S. Ioaõ, & mais fallaua em seus lououres cõ grãde modestia. *Illũ oportet crescere, me autẽ minui.* Importa q̄ elle creça, & q̄ eu diminua. Aquelle (elle) não se refere me nos, q̄ ao verbo humanado. Pois como assi? Deos ainda em quãto humanado não pode crescer. Como logo diz S. Ioaõ *Illum oportet crescere:* importa q̄ elle creça? E dado q̄ podesse crescer, q̄ depẽdẽcia tinhaõ os crecimẽtos de Deos, das diminuições do Baptista? Deos he grande sem depender de ninguẽ. Como diz logo: *Illam oportet crescere, me autẽ minui:* Importa crescer elle, & diminuir eu? He possiuel crescer Deos? E he possiuel q̄ o seu crescer depẽda do Baptista? Si. Porq̄ ainda q̄ Deos por ser infinito não pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimẽto humano, pode cre-

cer na nossa estimação. E na estimação dos homẽs, nẽ Deos podia crescer sem diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito q os homẽs fazião de Deos antiguamẽte, era tal, q quando o Baptista appareceo no mudo, a s'eraõ q elle era Deos. Conforme esta resoluçõ lhe forão offerecer adoraçõs ao de. Matth. II. seruo, onde o meimo S. Ioão os des'eganou. E como o Baptista, & Deos, na opiniõ dos homẽs, erão iguais; tãto q por seu testemunho se desfez esta opiniõ: necessariamẽte creceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista, por q ficou menor q Deos: creceo Deos, por q ficou maior q o Baptista. Desorte, q depois q o Baptista veyo ao mudo, ficou Deos, para cõ oshomẽs, maior do q d'ãtes era: por q d'ãtes era como o Baptista, depois começou a ser maior q elle. Dõde se infere, e grãde louuor deste grãde Sãto, q a medida do Baptista he ser menor q Deos, & a medida de Deos he ser maior q o Baptista. Naõ tenho menos abonado fiador, q S. Agostinho: *Quisquis Ioanne plus est nõ tãtum homo sed Deus est.* Sabeis quem he Ioão? He menor que Deos. Sabeis quem he Deos? he maior que Ioão. Com esta differença porem; que em quauto S. Ioão o não disse, eraõ iguais; depois que o testemunhou começou Deos a ser maior. Que muito logo, que creça Deos nos seus attributos, quando Sam Ioão nace no mundo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia suam:*

Esta maneira creceo Deos na qlle tẽpo, & tãbẽ en hoje, se a cõsideraçõ me não engana, o vejo muito crecido. En tãto creceo nas minguaõtes de Ioão, hoje crece nas minguaõtes do mudo. Appareceolhe a Nabucodonosor aqlla tão repetida, & tão prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocandolhe hũa pedra nos pés de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra caeceo a grandeza de hũ monte: *Factus est mons magnus, & repleuit terrã.* Para entẽder esta fi- Dan. 2.

gura, q he enigmatica saibamos quẽ era a pedra, & quẽ a estatua. Em s'etido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua era o mudo, a pedra era Deos. Pois se a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pode crescer? E se a estatua he o mudo como diminue a estatua? O mudo diminue se? Tudo sam Ambrosio August.

effeitos da estimação dos homẽs. Segund<sup>a</sup> a estimação q<sup>e</sup> fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se pomos a Deos aos pès do mundo, crece o mundo, & diminue Deos, se pomos o mundo aos pès de Deos, crece Deos & diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nadas do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo. *Accedet homo ad coraltum, & exaltabitur Deus.* Bêdito seja elle, que de quantas vezes vemos a Deos tão pequeno, & tão apoucado nas Cortes dosReys, o vemos hoje tão grande, & tão crecido! Tão crecido, & tão acrescentado està hoje Deos em sua grãdeza, quãtas são as grandezas do mundo que vemos a seus pès arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatura representaua grandezas, na materia riquezas, na significação estados, & tudo isto abraçado em fogo do coração se rende hoje em cinzas aos pès de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quẽ lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he muito maior que si mesmo. Para derrubar cõ hũa pedra ao Golias bastou a funda de Dauid, para derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco foraõ necessarios impulsos (posto que inuisiueis) do braço de Deos. O Golias tinha de altura seis couados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pompofas do mundo sempre são maiores os Gigantes que as estatuas. Nunca as machinas viuas igualam á medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperança, profetiza o desejo, representa a imaginação: & ainda q<sup>e</sup> a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas representaçoẽs nunca chegaõ; mais triumpho o amor diuino, quando piza o fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir he vsura de merecer; porque quẽ mais dá, mais merece, & quem dà os bens na esperança dá os onde são maiores. A melhor parte dos bẽs desta vida he o esperar por elles: logo mais faz quẽ se inhabilita para os esperar,

2<sup>o</sup> salm. 66.

1. Reg. 17.

Dan 3.

esperar, que quem se priua de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançauão as redes, & naõ quando as recolhiaõ: *Mittentes rete in mare.* Matth. 4.7. Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançam leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muita rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças, ò quãtas, & quam bem entendidas grandezas honram hoje em piedoso sacrificio os altares de Christo! Dezia Sam Paulo aos Romanos, que ninguem pode dar a Deos senaõ o q Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tam engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe deu. Naõ ha duuida, que dos bens temporaes mais liberal he o mudo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Naõ costuma Deos dar tanto, quanto o mudo costuma prometer. Bem se segue logo, que mais dá a Deos quẽ lhe dá as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mudo vos promete, dais muito mais. O quão liberal està com Deos, quem dandolhe as maiores grandezas, ainda busca artificios de lhas dar acrecentadas! E que artificio pode auer para acrecentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: Que nos exemplos desta acção não se pode deixar de aprender muito. Os bẽs, & grandezas do mundo falsamente se chamãõ bẽs, porque são males, & sem razão se chamãõ grandezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grãdezas, & dos males bẽs? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porque effes, que o mundo chama grandes bẽs, sò sam bẽs quando se deixãõ, sò sam grandes quando se esperam. A esperança lhe da a grandeza, o desprezo lhe dà a bondade: desprezados são bẽs, esperados são grandes. E assi: mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o q possui. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grãdezas.

saõ despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos  
impulsos daquella pedra diuina. O como desaparece a es-  
tatua! O como crece o monte! De nossas diminuiçõs au-  
gmenta Deos suas grandezas, de nossos despresos sua  
Magestade.

*Apo. 4.* Lá vio Sam Ioaõ no Apocalipse aquelles vinte & qua-  
tro anciãos, que tirando as coroas das cabeças, as lançauiam  
aos pès do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thro-*  
*num.* Tornou a olhar o Evangelista, & vio, que Deos tinha

*Apo. 9.* muitas corõas na cabeça: *Et in capite eius diademata multa.*  
Pois se as corõas se lançauião aos pès de Deos, como tinha  
Deos as corõas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos  
em sua grandeza, quãto desprezaõ os homès por seu amor:  
As corõas na cabeça de Deos eraõ augmentos de sua grã-  
deza: as corõas aos pès de Deos eram despresos do amor  
dos homès; & com as mesmas corõas que arrojaua o des-  
preso humano, se autorisaua a Magestade diuina: porque  
tanto crece Deos nos augmentos de sua grandeza, quan-  
tas saõ as grandezas que poẽ aos pès de Deos nosso amor.  
Digase logo, que creceo, & se engrandeceo Deos hoje  
duplicadamente: hũa vez medido com Sam Ioaõ, outra  
vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, &  
ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua esti-  
maçãõ, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia*  
*magnificauit Deus misericordiam suam,*

*Et uenerunt circuncidere puerum.* Vieram circuncidar o  
minino. Suposto que o minino era S. Ioaõ, parece que o  
naõ auiaõ de circuncidar. A circuncisaõ naquelle tempo  
era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo.  
Pois se S. Ioaõ estaua já liure do peccado original, se estaua  
em graça de Deos, & sãtificado nas entranhas de sua mãy,  
porque se sogeita ao rigo r da circuncisaõ? Porque ainda  
que a circuncisaõ naõ lhe tiraua o peccado original, de q̃  
estaua liure, acrecentaua lhe a graça da justificaçam com q̃  
nacera sãtificado. E esta he nos seruos de Deos a mayor  
sãeza da virtude, sogeitaremse a tomar para augmento da  
graça.



graça, os rigores que Deos deixou para remedio da culpa. A circuncisaõ nos outros homẽs era remedio da culpa; em S. Ioaõ era só augmento da graça; & fogueitar se S. Ioaõ para maior graça, nas izenções de innocẽte aos remedios de culpado! Grande accão: grande sacrificio. Falla Zacharias Zach. 9 à letra do mayor sacrificio da ley da graça, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & diz alli. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius, nisi frumentum electorum, & vinum germinans Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, senam o paõ dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, não auerá quem o negue. Mas que diga o Propheta, que não ha outro tam bom como elle: *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Nam fei como o auemos nõs de conceder. E para que não vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da ventagem eu a darei. O sacrificio do corpo, & sangue de christo na cruz foy sacrificio para remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para augmento de graça. Ainda que em Christo não auia peccados proprios, nem merecia graça para si; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfacãm de nossos peccados, & os meynos de nossa justificaçam. E que sacrifique tanto Christo na eucharistia para augmento da graça, quanto sacrificou na Cruz para remedio da culpa! que empenhe corpo, & sangue para augmentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdã ao peccado! he circunstantia de sacrificio tão releuante esta, q da mesma idẽtidade tira differenças, & da mesma igualdade vẽtagẽs. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Tal foy o act

da circuncisaõ do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deram ao golpe da circuncisaõ, para remedio da culpa, deu o Saõ Ioão (que a não tinha) sò pera augmentos da graça; & que se sacrifique hum innocente, para crescer na graça, ao que està sogeito o peccador para remediar a culpa! Grande acçaõ do Baptista. Mas não foi sua sò esta vez, nem lua sòmente.

Duas innocencias temos hoje sogeitas aos remedios da culpa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̄ taes iniusticas como estas sabe fazer o amor diuino. Cõdena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que façaõ grande penitencia os grãdes peccadores, he muito justo: que a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em que peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado condenado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada cõ tanto rigor! Se o Baptista fora o mayor peccador, que auia de fazer senaõ isto? Mas isto fez, porque auia de ser o mayor Santo. Não pode chegar a mais o mais feruoroso desejo da santidade, que sogeitar-se aos remedios do peccado quem goza os priuilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amor de Christo para com os homẽs, & diz desta maneira aos Corinthios. *Qui peccatum non nouerat pro nobis peccatum fecit*: Amou o filho de Deos tanto aos homẽs, q̄ não tendo conhecimẽto de peccado, se fez peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo não era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Por razãõ da vniãõ ao verbo sua alma não era impeccauel? As mesmas palauras o dizẽ, *qui peccatum non nouerat*. Pois como pode caber delito na innocencia: como pode ser, que o impeccauel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit*? Respõdo. O impeccauel não se pode fazer peccador de culpas, mas podese fazer peccador de penas. Não pode cometer peccado quanto á culpa, mas podese sogeitar à pena do peccado como se o comete-

2 ad Corin

ra. Isto he o que fez Christo por amor de nòs, & isto he o q̃ muito encarece S. Paulo em seu amor. *Qui peccatum non no-  
nerat pro nobis peccatum fecit.* Não pode o amor chegar a ma-  
yor extremo, não se pode adelgaçar a mayor fineza, que a  
fazerse peccador nas penas quem he innocête nas culpas.  
Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, bus-  
ca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazerse  
peccador de penas o innocente de culpas, he buscar na pe-  
nitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no pecca-  
dor paga, no innocente obriga: naquelle pelo que ofendeo,  
neste pelo que ama: vede quaes agradação mais a Deos, se  
as satisfações de offendido, se as obrigações de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! consenti os  
termos da igualdade quanto entre o diuino, & humano se  
permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor compe-  
tidas, como as diuidas de nossa obrigação desempenha-  
das. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de pe-  
nas, hũa innocencia em habito penitente vos offerece ho-  
je a terra, esposo do Cec; que estas são as cores de vosso D. Berno  
pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras  
do vosso Reyno. *Filia Babilonis induuntur purpura, & bisso,*  
(dizia S Bernardo em semelhante acção à Virgẽ Sophia)  
& *subinde conscientia pannosa iacet: fulgent morilibus moribus  
sordent. E contra tu foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed di-  
uinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est  
quem delectat.* Nem a romancear me atreuo estas palauras,  
porque em tanta differença de eleições, ou se hade topar  
com o aggrauo, ou com a lijonja. *E contra tu* (só isto quero  
repetir) *foris pannosa, intus speciosa resplendes:* Pelo contrario  
vòs, ò esposa de Christo (diz S. Bernardo) como dentro tẽ-  
des a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas:  
por fora vestida de sayal, por dentro de resplandores. *Foris  
pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente que quãdo  
reparo nestas palauras me parece que vejo já sinaes do dia  
do Juizo. Hum dos sinaes do dia do juizo serà (como diz Apoca. 6.  
S. Ioaõ no Apocalipse) vestirse o sol de cilicio: *Sol factus est  
niger tanquam saccus cilicinus.* E se já vemos vestido de cili-

cio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores, debaixo da aspersa de tam grosseiros eclipfes, que anemos de dizer? Que se acaba o mûdo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se pode dizer assi; porque melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais que tambem se acaba o mûdo para quem acaba com elle. Como cada hum de t'òs tem o seu mundo, o vniuersal acaba com todos, o particular acaba com cada hum. E que muito que se vejaõ sinaes do dia do Juizo em hũa alma para quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo pòr luto, para os olhos de Deos pòr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocête, porq' não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, q' hũa innocencia illustre em habito de penitencia.

*Genes. 3* Aquellas pèlles de que Deos vestio aos primeiros se-  
nhores do mundo, estauaõlhe muito mal a Adão, mas esta-  
uãolhe muito bẽ a Abel. A Adam estauaõlhe muito mal,  
porque erão habito de peccado com penitencia, a Abel  
estauaõlhe muito bem, porque erão habito de penitencia  
sem peccado: em Adão erão habito de penitenciado, em  
Abel erão habito de penitête. Esta grãde differença ha en-  
tre a penitência dos peccadores, & a penitencia dos innocê-  
tes; q' a penitência dos peccadores he remedio, a penitencia  
dos innocentes he virtude. Não quero dizer q' os actos de  
penitência no peccador, & no innocente naõ sejaõ virtuosos  
sẽpre. Sò digo q' os peccadores tomão a virtude da penitê-  
cia pelo q'te de remedio, os innocêtes tomão o remedio da  
penitencia pelo q' tẽ de virtude. Dõde se segue: q' a penitê-  
cia hõra os peccadores, os innocentes hõrão a penitencia.  
A penitência hõra os peccadores, porq' lhe tira a afronta do  
peccado, os innocentes hõrão a penitencia porq' lhe tiram  
a mistura de remedio. O ditoso Baptista, ó ditosa alma imi-  
tadora vossa: ambos em habito de penitentes; & ambos hõ-  
radores da penitência. Ditosos vós q' fazeis trofeos de vito-  
ria os instrumêtos do desagrauo, & gozais a perrogatiua

de penitētes, sē o desar de arrendidos. Em vòs he virtu-  
de o q̄ nos outros he remedio, em vòs eleição o q̄ nos ou-  
tros necessidade. Sò em vòs não he remedio do peccado a  
penitēcia, sendo q̄ só a vossa penitencia poderá ser reme-  
dio do peccado, Porq̄ offensas não merecidas, quaes são as  
de Deos, sò se pagaõ cõ castigos não merecidos, quaes sam  
os dos innocentes. O merecimento offendido só o pode sa-  
tisfazer a innocencia castigada. O q̄ grande sacrificio para  
Deos! O q̄ grãde lisonja para o Ceo! Lá disse Christo, q̄ faz *Luc. 15.*  
maior festa o ceo ao peccador penitēte, q̄ ao justo sē peni-  
tencia. Pois se a innocēcia do justo agrada muito, & a peni-  
tēcia do peccador agrada mais; quãto agradarà aquelle ex-  
cellente estado, q̄ abraça a perfeição de ambos, & a junta a  
penitēcia de peccador cõ a innocēcia de justo? Isto he o q̄  
fez o Baptista hoje na circuncisaõ, sojeitãdo izençoens de  
innocēcia a remedios de peccado: *Et venerūt circūcidere puerū.*

*Et vocabāt eū nomine patris sui Zachariam.* Feito o acto da  
circuncisaõ tratouse de dar nome ao menino, & queriam  
os circūstantes q̄ se lhe puzesse o nome de seu pay, & q̄ se  
chamasse Zacharias. Ouio isto S. Izabel, & disse: *Nequaquã*  
por nenhũ caso: não se hade chamar assi. E porq̄ razão? Por  
q̄ não se hade chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não  
era nome fãto? Não era nome illustre? Não era nome autho-  
rizado? Não era nome glorioso? Sy era, mas era nome de  
pay: *Vocabāt eū nomine patris sui.* Eo nome dos pays quanto  
mais illustre, quãto mais glorioso, tãto menos ohade tomar  
quē professa feruir a Deos, como professaua o Baptista. No *Pf. 44.*  
nome perpetuase a memoria dos pays: na Religião profes-  
sase o esquecimēto delles: *Obluiscere populū tuū, & domū patris  
tui.* E como o Baptista auia de ser (como foi) primeiro fūda-  
dor, & exēplar de Religiosos; não quiz prudēte S. Izabel, q̄  
tomasse o nome de Zacharias; porq̄ não era justo q̄ conser-  
uasse a memoria dos pays no nome, quē professaua o esque-  
cimēto dos pais na vida. Quereis q̄ se chame Zacharias, por  
q̄ he nome de seu pay? Alegais cõtra vòs. Antes porq̄ he no-  
me de seu pay, senão hade chamar assi: *Vocabāt eū nomine pa-  
tris sui Zachariã, & ait mater eius nequaquam.* Que grandemē-  
te imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este

exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porque escreuia para a memoria dos futuros, deteu-se neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. João; eu que fallo aos olhos dos presentes, não me he necessario deter-me em tão sabido, como também me não fora possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, autorizado alfim com hũa teara; mas muito mais faz quẽ deixa o gloriosissimo nome de Gusmão (glorioso no ceo, & na terra) cujo real, & esclarecido sangue se tece o sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria que em nenhum outro Reyno (posto que com igual magestade em tantos) o vemos felizmente coroado, & veremos em immortal descendencia, no posse de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminētissimo em todas as pessoas: o assinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmão; & este he o q̃ hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se admire nesta eleição o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Matth. 22

Marc. 16

Quando os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão as Marias o que buscauão; vzarão de diferentes termos (segundo diuersos Euangelistas.) O Anjo de S. Matheus pergütou se buscauão a Iesu crucificado: *Iesū qui crucifixus est queritis.* O Anjo de S. Marcos perguntou se bulcauam a Iesu Nazareno crucificado: *Iesum queritis Nazarenum crucifixum.* Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Iezu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado sòmente, & não fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Euangelistas, o doutissimo Maldonado, notou aduertidamente, que o Anjo de S. Matheus appareceo como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceo como homem. *Matthew Angelū, Marcus hominem appellat.* He do texto. Porque S. Matheus diz assim. *Angelus Domini descendit de caelo qui dixit mulieribus:* Hũ Anjo do Senhor desceo do Ceo, que fallou às molheres. E S. Marcos diz assim. *Intrantes monumentum viderunt suuencem sedem -*

*sedentem*: entrando no sepulchro viram hum mancebo as-  
sentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era  
homem, & em S. Mattheus era Anjo; por isso o de S. Marcos  
chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S.  
Mattheus chamoulhe Iesu crucificado sòmente, & nam  
fallou no Nazareno. Ora notai. Entre o Nazareno, & o cru-  
cificado auia esta differença em Christo; que o Nazareno  
era nome dos pays, o crucificado era nome da Cruz: & an-  
tepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o  
nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazê os Anjos q̄ saõ co-  
mo homẽs; mas tomar o nome de crucificado, & callar o de  
Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pa-  
ys, isso fazê os Anjos q̄ saõ como Anjos. O Anjo de S. Marcos,  
q̄ fallou como homẽ da terra: *Viderūt iuuenē sedentē*: antepoz  
o nome dos pays ao nome da Cruz: *Iesū quaritis Nazarenū  
crucifixū*. O Anjo de S. Mattheus, q̄ fallou como Anjo do  
Ceo: *Angelus Domini descēdit de Cælo*: tomou o nome da  
Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est  
quaritis*. O discriçam mais q̄ humana! O eleiçãõ verdadeira  
n̄ ãe Angelica! Sei eu q̄ as Marias ouuiram os Anjos, mas  
nenhũa dellas aprẽdeo a mudar o nome. Maria Magdalena  
nam se chamou da Cruz, senam Magdalena: Maria Cleofé  
nam se chamou da Cruz, senam Cleofé. Nam souberam  
deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Ma-  
rias, porque estãua este religioso primor guardado para ou-  
tra, que na deuaçãõ auia de vencer as Marias, & na discri-  
çam igualar os Anjos.

Mas assi como em casa de Zacharias se leuanton ques-  
tãõ sobre o nome do Baptista; assi he bem que a tenhamos  
hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem lá contradisse o  
nome de Ioão foraõ as pessoas mais authorizadas que assi-  
stiaõ à celebridade da festa. *Qui venerant celebritatis gratia*:  
comenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnarã o no-  
me da Cruz, serã tambem a pessoa mais authorizada que  
assiste á celebridade da festa, q̄ he quẽ? Christo Sacramenta-  
do. E assi como là diziãõ que não se auia de chamar Ioam  
senam

Toles-

senão Zacharias: assi cá diz christo que não se auia de chamar da Cruz, senão do Sacramento. Não he imaginação sem fundamento minha, he accommodação verdadeira tirada com toda a propriedade, do texto. O nome que lá queriaõ dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer? Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Senhor. Isso mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a memoria do Senhor, q̃ elle nos deixou por prendas em sua ausencia. *Hec quotiescunq; feceritis in mei memoriam facietis.* Está fun dado. Agora pergunto eu. E que razão tem christo Sacramentado para dizer, que não quer que o nome seja da Cruz, senão do Sacramento? A razão he muito forçosa. Porque professar Religião mais he Sacramentarse, que crucificar-se. Todos os sanctos communmente chamaõ cruz ao estado Religioso; mas com licença sua eu digo, que o estado Religioso tem mais do Sacramento, q̃ da Cruz. A razão em que me fundo he esta. Porque na Cruz morreo Christo hũ sò vez; no Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da Cruz foi cruento, mas foi vnico; o sacrificio do altar he incruento, mas he quotidiano.

Ioan. 15.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; mas tem hum grande desar esta fineza, que quẽ a faz não pode fazer outra. He a maior fineza, mas he a vltima. E como Christo amaua tam extremamente aos homẽs, & via que morrendo na Cruz se acabaua a materia a suas finezas; que fez? Inuentou milagrosamente no Sacramẽto hum modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he auentagem que leua em Christo o amor que nos mostrou no Sacramẽto, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz morreo hũa vez; no Sacramento morre cada dia: na Cruz deu a vida; no Sacramento perpetuou a morte. A Esposa, como quem melhor as sabe aualiar, nos dirá a verdade desta fineza. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus amulatio.* O amor se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he como a morte; & se he mayor (que isso quer dizer *amulatio*) he

Cant. 8.

he



he como o inferno. Notauel dizer! Porque razãõ compa-  
ra Salamaõ o amor grande à morte, & o amor maior ao in-  
ferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta dif-  
ferença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a mor-  
te. Por isso o amor grande se compara á morte, & o ma-  
yor ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que ti-  
rar a vida: tirar a vida he morrer hũa vez; perpetuar a mor-  
te he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do  
amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. competio o  
amor de Christo no Sacramento, & amor de Christo na  
Cruz; o da Cruz foi como a morte, porque chegou a tirar  
a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foy como  
o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut in-  
fernus amulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que  
tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante,  
perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece  
mais com o Sacramento, que com a Cruz. Na Cruz mor-  
rese hũa sò vez, no Sacramento morrese cada dia. Sei que  
disse S. Agostinho que sô os Martyres pagão a Christo a fi-  
neza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrê  
por quem morre por elles. *Qui accedis ad Mēsã Principis debes  
similia preparare. hoc beati Martyres fecerūt*. Mas esta razam de  
S. Agost. (dênos licêça o lume da Igreja) impugnafe facilme  
te. Porq̃ muitas mortes naõ se pagão cõ hũa sò morte: Chris-  
to no Sacramêto morre todos os dias, os Martyres morrem  
hũa sò vez: logo não pagão os Martyres a Christo no Sacra-  
mento. Pois que diremos a isto? Digo que os Martyres pa-  
gam a Christo na cruz, os Religiosos pagam a Christo no  
Sacramento. Os Martyres pagam a Christo na cruz, por-  
que morrem hũa vez, por quẽ hũa vez morreo por elles: os  
Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque mor-  
rem cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha  
quem o diga? Nam he menos Religioso, que o exemplar  
de todos, sam Paulo. *Quotidie morior*: cada dia morro. De ma-  
neira que assi como Christo no Sacramento inuentou hum  
modo de morrer sem acabar, para morrêdo poder dar a vi-

D. Aug.

da, & nam acabando poder repetir a morte; assi os Patriarchas das Religioes (& melhor q̄ todos o Serafico e seu diuino instituto) parecêdo lhe pouco amor não morrer, & pouca morte morrer hũa sò vez; acharão este modo milagrosamente natural deviuer morrêdo, para na morte multiplicarê as entregas da vida, e na vida perpetuarê os sacrificios da morte

Grande lugar do Protopatriarcha das Religioes sam Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreiras, & diz, que a cella de hũa alma religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica sepultura amula!* Pois sabemos; que calidades tem hũa cella para tam nobre competencia? Em que presunçoões se fûda esta emulação? Que se cõpare a cella a qualqr sepultura; justa semelhãça: porq̄ onde o habito he hũa mortalha, o leito hũ ataude, as paredes tão estreitas, & cõ tão pouca luz, como estas q̄ vemos, muito ha de sepultura. Sepultura si: mas sepultura não outra, senão a de christo; porq̄ razão? Porq̄ nas outras sepulturas mora sò a morte; na sepultura de christo morou a morte, & mais a vida juntas, Na sepultura de Christo esteue a vida morta, & a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, o religiosos spiritos. *O cella dominica sepultura amula, qua mortuos suscipis, & reuiuiscere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da sepultura de christo, pois está e ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porq̄ não tẽ vsos a vida; a morte resuscitada, porq̄ tẽ alêtos a morte. Es hũa suspenção gloriosa de morte, & vida (se bẽ gloriosa cõ pena) onde posta a alma nas rayas do viuer, & morrer participa indiciosamente o mais riguroso de ambas; insensivel, como morta, para o gostoso da vida: sensitiua, como viua, para o penoso da morte. Em ti se vè multiplicado o milagre natural da Feniz, sêdo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nasce a morte, faltãdo cinzas, mas não faltãdo incêdios. Em ti (e cõ maior propriedade hoje) se vè verdadeira a metâfora dos orizôtes, sêdo oriête, & occaso jütamente, onde o Sol no mesmo instãte morto, & nascido resuscita a hũ emisferio quãdo se sepulta a outro. Em ti finalmente (cõ seres a melhor parte do paraíso) se vè sê fin-

gimen-

gimento a fabula do inferno, sendo ea la Religioſo ſpirito  
hũ Ticio em b̃a uenturaça de penas, q̃ não podẽ lo morrer  
para morrer mais vezes, tẽ morta a vida, & immortal a mor-  
te: *Semper q̃, renaſcens non perit, ut poſſit ſape perire.* Não he mui-  
to q̃ ache eu comparações nõ inferno ao maior ſacrificio,  
quando no inferno as buscou a alma ſanta ao maior Sacra-  
mẽto. De hũ, & outro ſe pode dizer cõ grãde ſemelhança:  
*Dara ſicut infernus emulatio.* E como o ſacrificio da Religiam  
por ſer morte perpetuada, ſe parece mais com o Sacramen-  
to q̃ cõ a Cruz, ſendo o officio dos nomes declarar a eſſen-  
cia das couſas; parece q̃ quẽ profreſſa Religião não ſe deue  
chamar da Cruz, ſenão do Sacramento. *Et vocabant eum no-  
mine patris ſui Zachariam, hoc eſt, memoriam domini.*

Cõ tudo responde S. Izabel: *Nequaquã.* Por nenhũ caſo.  
E cõ muita razão. Porq̃? Pella meſma, q̃ o perſuade. Porq̃ ſe  
o nome do Sacramento diz tudo o q̃ ha no eſtado Religioſo  
& o nome da Cruz diz menos, pelo meſmo caſo ſe deue to-  
mar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleiçam  
dos nomes ha hũa grãde differença tomada dos fins porq̃ ſe  
elegẽ: os nomes q̃ ſe tomão por verdade dizẽ tudo, os q̃ ſe  
tomão por vaidade dizẽ mais, os q̃ ſe tomão por humildade  
dizẽ menos. E como a meſma humildade, que deſprezou a  
grãdeza dos nomes paternos, foi a q̃ fez a eleiçam do nome  
Religioſo; por iſto com diſcreta impropriedade eſcolheo o  
nome diminutiuo da Cruz, em q̃ he mais o q̃ ſe calla, q̃ o q̃  
ſe diz. Como reſpõdo a Chriſto Sacrametado, cõ o meſmo  
nome do Sacramento quero cõfirmar a repoſta. O Sacramẽ-  
to do altar chamaſe corpo, & ſangue de Chriſto. eſſe nome  
lhe deu o meſmo Senhor. *Hoc eſt corpus meũ: Hic eſt Calix ſan-  
guinis meũ.* Pergũto: & ha no Sacramento mais algũa couſa?  
Ha alma, & ha diuindade. Pois ſe no Sacramento não sò eſtã  
corpo, & ſãgue, ſenão tãbẽ alma, & diuindade, porq̃ ſenão  
chama corpo, & alma, ſãgue, & diuindade de Chriſto, ſenão  
corpo, & ſãgue sòmẽte? Porq̃ eſte nome deu o chriſto ao Sa-  
cramẽto na hora em q̃ ſe quiz moſtrar mais humilde. A ho-  
ra em q̃ chriſto ſe moſtrou mais humilde, foi a meſma em q̃  
inſtituiu o Sacramento de ſeu corpo, & ſãgue, diſpondo aos

Apostolos com a pureza do lauatorio: & a li com a humildade de lhe lauar os pés. E como Christo poz o nome a este misterio com aduertencias de humilde, por isso declarou sómente o menos que nelle auia; que os nomes que compoem a humildade sempre callão mais do q̄ dizẽ. O q̄ diz he corpo, & sangue; o q̄ calla he alma, & diuidade. O mesmo passa no nosso caso: q̄ ainda q̄ senão tomou o nome ao Sacramento, seguiuoselhe o exemplo. Deixe-se o nome do Sacramẽto, porq̄ diz mais, tomate o nome da Cruz porq̄ diz menos; q̄ se preza o verdadeiro amor, do q̄ he, & não do q̄ significa. Bastelhe a Religiaõ ser Cruz *ex vi verborum*, ainda q̄ seja muito mais *per concomitantiam*. Tão justo foy logo deixar-se o nome de Zacharias quãto á significaçãõ, como quãto á realidade: *Et ait mater eius nequaquam.*

Acabou senos o thema; & se me não engano tenho pôderado todas as clausulas delle, cõ algũa semelhança ás obrigações deste dia. Mas tãbẽ vejo q̄ reparariaõ os mais curiosos em q̄ passei em silêcio aq̄llas palauras: *Audierũt vicini, & cognati, & cõgratulabãtur ei.* Cõfesso q̄ não fallei nestas palauras; & tãbẽ cõfesso, q̄ as deixei porq̄ não achei nellas semelhança, senão muita differença do nosso intento. *Cognati, & vicini cõgratulabãtur ei.* Lá no nacimẽto do Baptista diz o Euãgelho, q̄ os parêtes, & os visinhos estauão muito cõtêtes, & agradecidos; porẽ cã não he assi. Tãõ fora estã de poderem estar cõtêtes os visinhos, & os parêtes; q̄ antes o parêtesco, & a visinhauça tẽ razãõ de estar queixosos. Tẽ razãõ o parentesco de estar queixoso, porq̄ se vê a si deixado: tem razãõ a visinhãça de estar queixosa, porq̄ vé os estranhos preferidos. Quando o sangue se vê deixado, porq̄ não ha de estar queixoso o parentesco? E quando as Estrangeiras se vem preferidas às naturaes, porque nam ha de estar queixosa a visinhãça? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabãtur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramente digo, q̄ não tẽ razãõ o parentesco d'estar queixoso; porq̄ quando as obrigações do sangue se deixam por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quẽ he deixado he sacrificio, mas

da parte de quem deixa he lição. Tudo prouo. Hospedou  
Martha a christo em sua casa, & tinha esta senhora hũa ir- Luc. 12  
mãa a quem o texto chama Soror Maria: *Et huic erat Soror no-  
mine Maria*: A qual se retirou cõ Christo; & assentada humil-  
de a seus pés, o estaua ouuindo, & cõtẽplãdo. Chegou Mar-  
tha ao Senhor, & disselhe: *Dñe nõ est tõi cura quod Soror mea  
reliquit me solã ministrare?* E bẽ Senhor tãto vos desculdais de  
mi, que nõ vedes que minha irmãa me deixou só? Esta foi  
a historia; duas sam as minhas ponderaçõens. Digo que  
Martha na queixa que fez de Maria offereceo hum gran-  
de sacrificio a christo, & Maria na occasiam que deu a  
queixa, deu hũa grande satisfaçam a Martha.

Difficulto assi. Christo nam foi o q̃ chamou a Maria; Ma-  
ria foi a q̃ se assentou a seus pès sagrados. Pois se a occasiam  
justa, ou injusta da queixa a deu Maria, & não Christo; porq̃  
propõe Martha a sua queixa a Christo, & nam a Maria? Porq̃  
Martha nesta aççam nam pretẽdeo tãto dar queixas de Ma-  
ria, quanto offerecer sacrificios a Christo. Como se differa  
Martha. Nam cudeis Señor, q̃ só Maria he a q̃ faz as finezas  
q̃ eu tãbẽ vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua deua-  
çam, eu sacrificio minha soledade: *Reliquit me solã ministrare*  
Ella offerecenos o estar cõ vosco, eu offereçouos o estar sã  
ella. De sorte q̃ ã hũa aççã auia alli dous sacrificios: hũ de  
Maria porq̃ se fora para christo, outro de Martha porq̃ a deixa  
ra Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Ma-  
ria, ou o de Martha? eu nam me atreuo a dar sentença nesta  
causa. Sõ digo q̃ se neste lugar prégara S. Pedro Crysol *Chrysol*  
auia de dizer q̃ o sacrificio de Martha era maior q̃ o de Ma-  
ria. Pergũta S. Pedro Chryl. quẽ fez mais, se Abraham ã sa- *Gen. 32*  
crificar a Isac; se Isac ã se offerecer ao sacrificio. Resolue q̃  
Abraham; & verdadeiramẽte tẽ a escriptura por sua parte. Po-  
is se Isac era a vittima q̃ ania de ficar morto: se Abraham  
era o Sacerdote q̃ auia de ficar viuco; como era, ou como po-  
dia ser q̃ o sacrificio fosse maior ã Abraham q̃ ã Isac? A razã  
he esta. Porq̃ Isac sacrificaua a sua pessoa, Abraham ã sacrifica-  
ua a sua soledade: Isac offerecia se a ficar sã vida, Abraham  
offerecia se a ficar sã Isac. E segũdo o muito q̃ Abraham ama-  
ua aq̃lle filho, maior sacrificio fazia ã o dar a elle, q̃ elle em

se dar a si. Bẽ digo eu logo q̃ foi grãde sacrificio, oq̃ Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos q̃ a soledade de Maria. *Reliquit me solā ministrare.*

E q̃ Maria na mesma occasião, q̃ deu á queixa, deu hũa grãde satisfação a Martha, não ha duuida. Porq̃? Porq̃ deixar Maria a Martha não por amor doutrẽ, senão por estar cõ Christo, foi dizerlhe claramẽte: q̃ fazia tão grãde estimaçãõ de sua companhia, q̃ só por Deos a podera deixar, & sò cõ Deos a podia suprir. Vẽdo os filhos de Israel q̃ auia quarenta dias q̃ faltaua Moyses por estar fechado cõ Deos, de terminarão abalar do pé do monte, & irse. Foraõse ter cõ Arão, & disserão assi. *Fac nobis Deos qui nos precedant Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit:* Araõ, fazeinos hũ Deos q̃ nos acõpanhe, porq̃ não sabemos q̃ feito he deste homẽ Moyses. Linda consequencia por certo! Dai cá hum Deos porq̃ falta Moyses. Moyses não era homem? Elles mesmos o dizião: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homẽ porq̃ pediãõ hũ Deos em falta de Moyses? Por q̃ ha presenças, q̃ sò por Deos se podem deixar; & ha ausencias q̃ só cõ Deos se podem suprir. Como os Hebreos amauão tanto ao seu Moyses, & se viãõ forçados ao deixar, faziãõ este discurso. Já que se hade deixar Moyses, só por hũ Deos se hade deixar; & já q̃ se hade suprir cõ ourrẽ o seu lugar, sò com hum Deos se hade suprir. Por isso pediãõ a Arão hũ Deos, & não outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deos qui nos precedat.* Esta satisfação derão os Israelitas a Moyses quando o querião deixar; & esta foi a satisfação q̃ deu Maria a sua irmã quando a deixou. Deixou de estar cõ ella, mas por estar cõ Deos; *Quae etiã sedēs secus pedes Domini.* Não tẽ logo razão o parêtelco hoje de se mostrar sêtido, ou queixoso, senão contente, & agradecido. *Cognati congratulabantur ei.*

*Et audierũt vicini.* Tãbem senam deue queixar a visinhã. çã de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E Porque? Porq̃ hũa alma q̃ por mais seruir a Deos quiz ajũtar a clausura com a peregrinaçãõ, necessariamente ouue de deixar os naturaes, & buscar os estrangeiros. Hũa das cousas que muito agradou sempre a Deos em seus seruos foi a peregrinaçãõ.

grinação. Por isso mādou a Abrahão q̄ sabisse peregrino de sua patria: por isso quiz q̄ peregrinasse Iacob em Mesopotamia, Ioseph no egypto: & ao mesmo pouo querido de Israel, porq̄ o escolheo para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como Deos se agrada tanto dos peregrinos (q̄ tambem o quiz ser neste mundo) q̄ faria hũa alma deseiosa de agradar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada á peregrinação pelo gosto diuino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois q̄ remedio? O remedio foi entrando em Religião, escolher hũ mosteiro de Estrãgeiras; para q̄ viesse de stamaneira a achar jũtas a clausura, e a peregrinação: a clausura no lugar; a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, q̄ era possiuel estar jũtamente em Portugal, & peregrinar em Flãdes? Pois isto he o q̄ vemos hoje cõ nossos olhos.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina; & diz assi. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Quando o pouo sabio do Egypto ouiuo a lingua q̄ nam entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderaua a peregrinação dos Israelitas parece q̄ auia de dizer q̄ passaram climas incognitos, q̄ caminharam terras desconhecidas. Pois porq̄ não repara nas terras senam nas linguas? Porq̄ nam diz q̄ andaram por terras estranhas, senam q̄ ouiram linguas estrangeiras? Porq̄ julgou discretamente o Profeta, q̄ a formalidade da peregrinação nam consistia tanto na mudança dos lugares, quãto na differença das linguas. Nam està o ser peregrino na estranheza das terras q̄ se caminham, senam na estranheza da gente com q̄ se trata. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Sabir do egypto para onde se ouue outra lingua, isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viver être gente de lingua estranha, bẽ digo eu, q̄ se viraõ aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação; a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Nam deue logo de estar queixola a visinhança, posto que a queixa parecia justificada; antes tem obrigação as Religiosas Portuguezas, de se edificarem, & alegrarem muito de verem

bre

bre hum tam grande exemplo) hum tam nouo, & particu-  
lar spirito na profissaõ de seu estado; trocando as apparencias do sentimento em motiuos de parabens. *Vicini congratulabantur ei.*

*Luc. 1.* Temos acabado o Sermam, & com elle as Victorias do Impossiuel, que assi se chama. Doulhe este nome não só por ser Sermam do Nascimento do Baptista, com o qual prouou o Anjo que nada era impossiuel a Deos: *Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum;* senam por ser Sermam desta profissam solemniissima que celebramos, na qual sem auer reparado, deixo prouados seis impossiuéis. No nacimiento do Baptista venceose hum impossiuel, que foi ajuntarse esterilidade com parto: *Elisabeth peperit filium.* No acto desta profissaõ venceraõse seis impossiuéis, que foraõ os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro ajuntarse a Corte com o deserto. No segundo a mocidade com o desengano. No terceiro a grandeza cõ o desprezo. No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinaçam. E seis impossiuéis vencidos na terra, que deuem esperar senam seis coroas ganhadas no Ceo? Daruos ha no ceo, esposta serenissima de Christo, a Corte com o deserto hũa coroa de solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade com o desengano hũa coroa de prudente entre o coro dos Doutores. A grandeza com o desprezo hũa coroa de humilde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o castigo hũa coroa de penitente entre o coro dos Confessores. A vida com a morte hũa coroa de mortificada entre o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam hũa coroa de peregrina entre o coro das Virgẽs. Assi triumpha quem assi vence: assi alcança quem assi merece: assi goza quem assi trabalha: assi reyna quem assi serue: nesta vida a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.

*Quam mihi, & vobis, &c.*

Taxam este Sermam em reis. Lisboa 19. de Nouembro  
de 1644. *Meneses.* *Ribeiro.*